

ACERVOS PRÉ-COLONIAIS EM MUSEUS DE ARQUEOLOGIA BRASILEIROS: REFLEXÕES EM TEMPOS DE CRISES SANITÁRIAS E MUSEOLÓGICO-CURATORIAIS.

XI Seminário Internacional de Memória e Patrimônio, 11ª edição, de 26/10/2021 a 29/10/2021
ISBN dos Anais: 978-65-89908-75-3

COSTA; Matheus Pereira da ¹

RESUMO

No cenário contemporâneo onde crises sanitárias se coadunam as crises museológico-curatoriais, faz-se necessário construir reflexões que nos aproximem das relações históricas entre sociedades, museus e o patrimônio arqueológico.

Com o objetivo de problematizar o fatídico abandono dos estudos sobre acervos arqueológicos na realidade brasileira, e consequentemente o isolamento da memória indígena do passado pré-colonial em museus, neste texto, sustentam-se, algumas discussões teórico-metodológicas, que se alinham a agenda contemporânea dos processos de musealização do patrimônio arqueológico. A abordagem elencada parte revisão bibliográfica amplamente divulgada na literatura sobre o tema, e da observação empírica referente aos contextos institucionais localizados entre os estados do Sul e do Sudeste brasileiro.

Historicamente, os museus são reconhecidos como instituições que executam procedimentos basilares de salvaguarda e comunicação museológica. Através dessas ações que constituem a cadeia operatória de procedimentos museológico-curatoriais (BRUNO, 2020), processos mnemônicos ocorrem e se consolidam na formação das identidades. Desde o século XIX, essas instituições cumprem papel social importante para a vida em sociedade, são responsáveis por estabelecer conexões entre as multitemporalidades dos objetos e das pessoas, a partir da construção de discursos e narrativas sobre o passado no presente. Os museus constituem assim espaços de memória e poder.

Apesar do efeito avassalador da pandemia da Covid-19, que demandou a interrupção da visitação pública aos espaços físicos dos museus, os que possuem acervos arqueológicos, continuaram ininterruptamente a emitir endossos institucionais para a salvaguarda destas tipologias artefatuais. Essa ação mobilizada em virtude da execução de pesquisas arqueológicas no escopo de processos ambientais tem acarretado diretamente no processo de saturação dos espaços institucionais, pondo em relevo uma das facetas mais perniciosas do capitalismo global: o soterramento da memória nos museus.

Neste contexto, tratando-se dos acervos arqueológicos em sua maioria, de origem pré-colonial, são interpostos dois cenários distintos e ao mesmo tempo concomitantes. O primeiro está relacionado às memórias exiladas dos discursos oficiais sobre o passado indígena, enquanto sinais daquilo que Cristina Bruno (1995) definiu como “estratigrafia do abandono”. Essa estratigrafia, marcada por tradições e rupturas institucionais, vem ganhando novos contornos no presente através de uma prática arqueológica ‘preventiva’, duramente marcada pela incompatibilidade da ação temporal da pesquisa arqueológica com aquela projetada pelo capital e do mercado.

Neste contexto, marcado por limites e os desafios entre a preservação cultural e desenvolvimento socioeconômico, os museus tem recebido o contingente de acervos arqueológicos que não condizem com a realidade de estrutura técnica e funcional das instituições. E mais, os objetos quando salvaguardados são isolados das possibilidades de significação, isto é, não são devidamente estudados e problematizados a partir de abordagens arqueológicas. Segundo Ferreira (2008) essa realidade tem profunda relação com as políticas unilaterais de representação do patrimônio cultural, uma vez que as discussões em torno do uso público dos sítios, objetos, coleções e acervos, acabam ficando as margens da tessitura social.

A partir da identificação dos problemas contemporâneos que persistem sobre o cotidiano dos

¹ Universidade de São Paulo - USP, mpereiracosta2@gmail.com

museus de arqueologia e demais instituições de guarda e pesquisa, é fundamental pensar estratégias para (re) qualificação dos acervos enquanto mecanismo institucional, na perspectiva de reparar abordagens generalistas sobre a cultura material e estabelecer por intermédio de uma prática colaborativa entre sociedades, pesquisadores e os museus, a autoconsciência crítica acerca dos usos do passado. Considera-se que somente dessa forma é possível evitar que ambos os cenários de crises evidenciados acima se agravem, promovendo indiretamente o esmaecimento do potencial de patrimonial dos acervos que levará futuramente ao colapso das instituições de guarda e pesquisa.

Referências bibliográficas

BRUNO, Maria. C. O. Acervos arqueológicos: relevâncias, problemas e desafios desde sempre e para sempre. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 33, n. 3, p. 08-18, 2020. DOI: 10.24885/sab.v33i3.845. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/index.php/sab/article/view/845>. Acesso em: 24 jun. 2021.

BRUNO, Maria. C. O. **Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o projeto Paranapanema**. (Tese de Doutorado), São Paulo: FFLCH – USP, 1995.

FERREIRA, Lúcio. M. Sob fogo cruzado: Arqueologia comunitária e patrimônio cultural. **Revista Arqueologia Pública** 3, no. 1 [3] (2008): 81-92.

PALAVRAS-CHAVE: Museus de Arqueologia, Patrimônio Arqueológico, Processos museológico-curatoriais